

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

27 a 29 de maio de 2009

Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

PIRATARIAS DE GÊNERO PARA CORPOS PRECÁRIOS: CONTAMINAÇÕES ENTRE POLÍTICAS *QUEER* E *COPYLEFT*

Dolores Galindo¹

Resumo

Nesta apresentação, abordamos agenciamentos corporais transgênero que têm lugar a partir de piratarias de códigos informacionais, semióticos e/ou biológicos. Assim sendo, não se trata dos corpos do atleta, nem da bailarina ou do asceta. São corpos precários urdidos longe da vigilância, do olhar médico e dos demais especialistas: reciclar velhos aparatos eletrônicos, ingerir cápsulas, ajustar doses. Num primeiro momento, apresentamos duas mortes de travestis mato-grossenses provocadas por injeção de silicone líquido. Num segundo momento, propomos que os processos de criação desses corpos podem ser lidos como piratarias, ao que oferecemos breves notas sobre como esta noção é utilizada no movimento de cultura livre. Num terceiro momento, analisamos uma performance artística e, no seguinte, o uso político da testosterona efetuado por Beatriz Preciado. Por fim, voltamo-nos à aproximação entre políticas *queer* e *copyleft*, defendendo que a reversão de códigos e o inacabamento podem ser plataformas favorecedoras das contaminações entre ambas.

Palavras-chave: corpos precários; gênero; *queer*; *copyleft*; poéticas do precário

Mortes infames em notícias de jornal

Em 2003, S., então presidente da associação de travestis de Mato Grosso, morre em função da aplicação de silicone líquido – industrial – no tórax. Em 15 de julho de 2008, a travesti lavradora mato-grossense B. também vem a óbito pelo mesmo motivo. Trajetórias que adquirem visibilidade, ao modo, infame (FOUCAULT, 1996), isto é, quando interceptadas por aparatos de poder-saber, neste caso, o dispositivo médico (internação, diagnóstico), legal (autópsia, inquérito policial) e espetacular (notícia).

B. e S. morrem no afã da posse de seios fartos. Acesso suas vidas por meio de notícias esparsas fixadas na internet, esta é a versão circulante. As notícias curtas fazem falar e ver: atravessam territórios estriados e as atam a minha trajetória, conectando-me a seringas, adesivos de colagem rápida e esmalte de unha para fechar pontos de incisão,

¹ Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, doloresgalindo@ufmt.br

toalhas borradas e à circulação clandestina de um material sintético – um código político de acesso.

S. e B. enfrentam-se a políticas diluídas, imiscuídas, no orgânico – não há inimigos externos, nem tampouco, alianças às claras.

Precariamente, S. e B. pirateiam políticas de gênero.

Piratarias para corpos precários

O termo pirataria remete à reapropriação – perversão de fluxos de mercadorias nos mares – muito além da classificação jurídica como roubo. *Pirataria de gênero*, por sua vez, remete à reconversão ativa de códigos bio-normativos. No movimento de software ou cultura livre, que ganha força no final dos anos oitenta, piratas são alçados a figuras de borda capazes de desestabilizar as codificações que restringem a circulação de conhecimento.

Ao invés do copyright (direito autoral e propriedade intelectual), o copyleft (livre distribuição de conhecimentos desde que sem finalidade lucrativa). Por deslocamento e trocadilho, à expressão “todos os direitos reservados”, opõe-se a expressão “todos os direitos invertidos”. Como paródia, o ícone do copyright é invertido, o “C” passa a ser grafado da esquerda para a direita.

Apostamos na potência produtiva da linguagem de códigos para desmontar antigas dicotomias (HARAWAY, 1996). Nesse sentido, utilizamos a expressão piratarias de gênero para falar de agenciamentos que reconfiguram fronteiras corporais e encaixes políticos entre elementos de diversas ordens, rompendo velhos dualismos, entrecruzando relações. Como escrevem Deleuze e Guattari (1995):

É preciso um agenciamento para que se faça a relação entre dois estratos. Para que os organismos se vejam presos e penetrados num campo social que os utilize: as Amazonas não tem que cortar um seio para que o estrato orgânico se adapte a um estrato tecnológico guerreiro, por exigência de um terrível agenciamento mulher-arco-estepe? São necessários agenciamentos para que estados de forças e regimes de signos entrecruzem sua relações (Deleuze e Guttari, 1995, p. 90).

Piratarias descrevem, assim, poéticas que trabalham na confusão das fronteiras, no estabelecimento de novas combinações entre fluxos semióticos, informacionais e biológicos. Resta saber em que medida a insistência no ruído e nas fusões constitui uma

ferramenta crítica para compreender os processos de hibridação contemporâneos mobilizados a partir de artefatos biotecnológicos.

No vocabulário conceitual em torno das misturas características do contemporâneo, parece-nos que o termo hibridação é o mais apropriado para as misturas que envolvem tecnologias avançadas (LATOURE, 1996; CANCLINI, 2000).

No livro *Jamais Fomos Modernos*, Bruno Latour (1996) busca desconstruir dicotomias entre natureza e cultura e sujeito e objeto que marcam a modernidade. Propõe que ao invés de focalizar as práticas de purificação responsáveis pela produção de dicotomias, o autor dirige o olhar para as misturas, principalmente, aquelas que envolvem tecnologias.

A proliferação de seres nos quais não é possível distinguir entre o natural e o social ou entre o humano e maquínico seria uma das características da modernidade. Assim, para Latour (1996), híbridos diriam respeito às configurações nas quais é impossível separar claramente seus elementos, sendo estas resultantes de processos de tradução que se tornam possíveis para além das dicotomias entre sujeito/objeto e natureza/cultura.

Que difícil, senão estéril, seria diferenciar poéticas híbridas e não híbridas no contexto contemporâneo, assim, ao invés de buscar entidades híbridas, voltamos nosso olhar para os processos de hibridação (CANCLINI, 2000). Entretanto, reconhecemos que o elogio à hibridação (i. e. aos processos sócio-culturais por meio dos quais práticas discretas, que existiam em formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas) é insuficiente para a análise das tensões e contradições colocadas em funcionamento nas misturas contemporâneas.

Contemporaneamente, hibridizar está longe de constituir, *per si*, uma estratégia de resistência. Pode-se entrar e sair dos processos de hibridação e nem sempre hibridizar-se significa romper com desigualdades e subordinações. *Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica dos seus limites, do que não se deixa ou não se quer ou não pode ser hibridizado* (CANCLINI, 2000, p. 71).

Pirateando o corpo em meio ao lixo tecnológico

Em 2007, no contexto do evento Submidialogia, a performance artística Metasubcibertrans teve lugar como uma deriva de quatro discussões presentes entre

grupos de ativismo de mídia, software livre e gênero: ‘metareciclagem’, ‘Submidialogia’, ‘ciberfeminismo’ e ‘esquizotrans’.

A partir dos prefixos de cada uma das discussões, tem-se um grupo de palavras que fogem das categorias iniciais que as ancoram a cada um dos movimentos e seus espaços de circulação. Partindo da etimologia do prefixo ‘meta’ resgata-se a dimensão de uma presença difusa que está além ou aquém de algo - do tempo, do espaço - que podemos qualificar como climatização, como processo e como linguagem. Seguida pelo prefixo ‘sub’, temos um contexto de underground – ‘sub’ como caminho, fuga, buraco. Já o prefixo ‘ciber’ nos remonta ao espaço virtual, digital, interface, técnica, acesso. O prefixo ‘trans’, por sua vez, surge como um operador de ultrapassagem, de movimento, atravessamento e transformação.

Deparamo-nos com agenciamentos compostos com peças e cabos que não conectam. A força da performance não está no aprimoramento das potencialidades da interatividade ou da simbiose entre corpo e máquina – os aparatos são obsoletos. Da precariedade, inscrita na adoção do prefixo ‘sub’, emerge grande parte da potencia da performance que tem como matéria prima fluxos semióticos, materiais e sociais.

No corpo da Metasubcibertrans, alguns aparatos estão, inclusive, amarelados pelo tempo. Atada por fios e cabos, a performer não se interliga a outro dispositivo – a sustentação dos aparatos está no corpo. Nos cabos que saem das portas analógicas não correm feixes de informação. Performance e política se entrelaçam num corpo que se situa às margens dos fluxos tecnológicos de comunicação. Tem-se um corpo *open source*, aberto, instável (GALINDO, 2008).

No híbrido corpo da metasubcibertrans se entrevêem os seios. A visão do contorno das pernas faz do sexo potencia de criação e de relação. Sexo também obsoleto frente ao instável arranjo atado com fita adesiva. Divisa-se uma metaficcção que questiona os limites do sexo como marcador identitário. Nos seios, mouses. No estômago, uma placa-mãe. Na boca, portas de conexão. Na vagina, um mouse. Na cabeça, um chapéu de feltro. No colo, palavras escritas em batom vermelho. E, desfazendo signos identitários, uma máscara perfaz dois olhos.

Há a repetição do pênis, no mouse. Há a repetição da boca, na placa de conexão. Há a repetição do estômago, na placa-mãe. Há a repetição dos seios, nos mouses. Há a repetição da face, na máscara. E aqui, a repetição é aquilo que se opõe à representação, não à diferença. Na performance, a pirataria de gênero se dá por meio da hibridação entre aparatos obsoletos e ordenação corpórea. Singulariza-se em relação à injeção de

silicone ao dar-se na superfície da pele e, por sua emergência, como ação ativista ligada à teatralidade. Voltemos às ações que se imiscuem abaixo da epiderme.

Revertendo códigos bionormativos em doses de testosterona

Evoquemos uma última pirataria de gênero. Em outubro de 2006, Beatriz Preciado, teórica queer, professora universitária, que divide seu tempo entre Paris, Estados Unidos e Espanha, dá início ao uso de testosterona em gel por meio de um protocolo doméstico, o que resultará na escrita do livro *Testoyonqui* (viciada em testosterona) publicado em 2008. Escreve a autora:

(...) Eu pertencço a este grupo de usuários da testosterona. Somos usuários copyleft: quer dizer, consideramos os hormônios como biocódigos livres e abertos cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado, nem pelas companhias farmacêuticas. Como se tratasse de uma droga dura, espero estar sozinha em casa para prová-la (PRECIADO, B., p.70).

Hormônios, do grego *horman*, excitar, por em movimento. Em 1905, lembra Preciado (2008), concomitantemente à escrita dos *Três ensaios sobre a sexualidade* de Freud, Starling e Bayliss, aprofundavam a compreensão do indivíduo moderno como um entramado de substâncias que percorrem circuitos - emitem, receptam, decodificam informações bioquímicas.

Na auto-intoxicação voluntária de testosterona, passamos a uma pirataria de gênero que opera em um nível distinto do silicone, responde aos controles hormonais do corpo. Se na ortopedia disciplinar, a vigilância dá-se por meio do isolamento em celas, agora cada corpo passa a ser uma cela. O dispositivo (circular) da pílula marca o compasso da administração diária – *relógio em miniatura* a marcar o tempo por meio da administração medicamentosa (PRECIADO, 2008).

Nas sociedades disciplinares da modernidade clássica, as estratégias de governo se voltavam à vida e aos corpos entendidos como superfícies de inscrição. Governar a população significava adestrar corpos, criar instituições, rotinas e estabelecer procedimentos para o controle da circulação de objetos e pessoas. É neste contexto que emerge e se consolida o cálculo estatístico probabilístico dando origem ao risco entendido como probabilidade de ocorrência futura de eventos danosos. O poder pastoral se volta ao corpo da população e de cada um, solicitando a vigilância contínua dos deslocamentos no espaço e no tempo: individualidades-corpo.

Na modernidade tardia, por sua vez, a atenção se desloca para a gestão de riscos cuja unidade principal de inscrição já não é o corpo molar e lida com objetos cujo escopo não pode ser restrito ao cálculo probabilístico dado que seus efeitos são imponderáveis. O corpo, em sua dimensão molecular, se torna o lugar para a encarnação de diferentes racionalidades políticas agrupadas em torno do conceito de segurança. E, também, por meio deste corpo, são estabelecidas dinâmicas de exclusão com base não apenas na prevenção (baseada no cálculo de riscos), mas também na precaução (fundada no imponderável).

Ao invés de cálculos precisos, a biopolítica envereda pela composição de corpos precários que habitam virtualidades biológicas (BRAUN, 2007). O que está em pauta são as metáforas da circulação e da comunicação que substituem o adestramento característico da sociedade disciplinar: individualidades-molécula.

Cumprir lembrar que a passagem das sociedades disciplinares às sociedades de risco não implica o desaparecimento dos dispositivos disciplinares, mas a um deslocamento que diz respeito a modificações na natureza dos riscos - do cálculo preciso à imponderabilidade - e dos mecanismos de gestão - do adestramento ao controle aberto e contínuo.

Uma das modalidades de controle aberto e contínuo consiste na administração de medicamentos, com destaque para os psicotrópicos, drogas anti-demenciais e hormônios (KRAMARE e SPENDER, 2000; ROSE, 2003,). A descoberta e o emprego dos hormônios só foram possíveis em uma sociedade na qual a comunicação e o transporte se tornaram metáforas centrais para compreensão dos fatos científicos (OUDSHOORN, 1984; PRECIADO, 2008).

Na segunda metade do século passado, o emprego de hormônios concentrava-se, exclusivamente, no corpo feminino. No século em curso, o emprego da hormonoterapia se estende a problemáticas que variam do câncer de próstata à distribuição de gordura. Piratar hormônios pressupõe, portanto, a reversão ativa de códigos historicamente vinculados a dispositivos de governo da vida.

Cada corpo se torna uma composição química modulável cujos ajustes dão-se na justa medida em que tomamos conhecimento dos seus efeitos. Longe se está dos corpos fechados em si mesmos. Abandonamos a radiografia em prol das dosagens sanguíneas, dos mapeamentos genômicos, das sínteses de proteínas.

Pílulas e comprimidos ganham proeminência. Operam, silenciosamente, em um controle aberto e contínuo: um ou dois comprimidos? 500 ou 750 miligramas? Não há

margem para o riso ou para o grito. Ninguém se espanta com o ruído delicado do papel alumínio e da água vertida do copo. A unidade principal de inscrição já não é o corpo, mas o seu interior.

Acerca do protocolo de auto-administração de testosterona, Beatriz Preciado salienta que tomar testosterona não muda o sexo, pode modificar (a depender da dose), o modo como o gênero é codificado sexualmente:

Não vou dizer que sou igual a vocês, que me deixem participar das suas leis, nem que me reconheçam como parte da sua normalidade social. Mas que aspiro a convencê-los de que são, em realidade, como eu. Estamos tentados pela mesma deriva química (PRECIADO, 2008, p. 90).

Diferentemente da cirurgia restrita a alguns segmentos sociais, os hormônios são tecnologias que podem ser acessadas sem prescrição médica e circulam no cotidiano. Desigualdades sociais configuram uma distribuição não equitativa de riscos: das cirurgias estéticas realizadas em centros médicos aos procedimentos informais. Na utilização informal da hormonoterapia, os aparatos de segurança são frágeis e dependentes das competências e habilidades individuais e grupais.

Cada pessoa se torna uma especialista a gerenciar os efeitos terapêuticos e colaterais. A estética transgênero, precariamente construída, torna-se uma estética de riscos imponderáveis: experimentações que funcionam à margem dos protocolos experimentais, dos procedimentos de biossegurança, dos comitês de ética em pesquisa.

O corpo, nas auto-experimentações fora dos protocolos médicos, adquire sentido na justa medida em que se liga a outros corpos e, mais propriamente, às políticas que regulam a sua construção. O aparato corporal, longe de ser uma superfície, é resultado de processos de materialização e negociações tensas sobre suas fronteiras (HARARAWAY, 1996).

Corpos não pressupõem organismos. Podem mesmo voltarem-se contra a forma-organismo (ORLANDI, 2004). Ao contrário, organismos são compostos nos corpos. Deleuze e Guattari (1997) indagam: como fazer um organismo no corpo? Como fazer para si um corpo sem órgãos? Para os últimos, o organismo pode ser visto sob uma dupla articulação e em níveis diferentes. Num primeiro nível, realidades moleculares são capturadas em conjuntos que delimitam uma ordem e, num segundo nível, estes mesmos conjuntos são capturados em estruturas estáveis que forma órgãos, regulações, funções. O orgânico se caracterizaria, portanto, por alinhamentos que ordenam funções, órgãos, corpos.

O olhar médico alinha, realinha taxas e substâncias no sangue para estabilizar, promover a saúde de cada um e da população, valendo-se para isto de dispositivos clínicos, disciplinares e biopolíticos que levaram, pelo menos, três séculos para sua constituição (FOUCAULT, 1985). Nos quartinhos e banheiros, pessoas desalinham taxas, substâncias, indicando novos fluxos sem que, com isto, adentrem na categoria nosográfica que permite cirurgias de mudança de sexo – a *disforia sexual*. Cada hormônio sintético incorpora, também, fluxos econômicos: capital cotidianamente investido em excitar (testosterona), controlar (pílula contraceptiva) e repor (hormônios para menopausa).

Contaminações entre políticas *queer* e *copyleft*

As piratarias de gênero mencionadas (uso de silicone, hibridação entre corpo e aparatos obsoletos bem e o uso de testosterona fora dos protocolos médicos) adquirem sentido num contexto no qual o corpo é uma linha privilegiada de subjetivação. No contexto das biosciabilidades contemporâneas [isto é das novas formas de sociabilidade surgidas da interação do capital com as biotecnologias e a medicina], tais agenciamentos não coincidem com as práticas voltadas à normalização e obtenção do corpo e saúde perfeitos.

Reservamos o conceito de piratarias de gênero àquelas práticas que visam não apenas personalizar o corpo por meio de novos aditivos, mas desterritorializá-lo. Piratarias de gênero, ordenadas quimicamente, são possíveis porque, na justa medida, em que a biopolítica se torna molecular, resistências, também, moleculares são, tateantemente, constituídas.

Não se trata da defesa do uso indiscriminado de estratégias corporais cujos efeitos são danosos à saúde, mas de compreender que estas se inserem em processos de subjetivação que buscam fraturas em dinâmicas de controle que relegam ao corpo ininteligível o lugar da margem e abjeção ou do espetáculo e do exótico.

Reversão de códigos e inacabamento – linhas por meio das quais é possível fazer proliferar a contaminação entre políticas *queer* e *copyleft*. Piratarias de gênero, uma noção a ser desenvolvida para o estudo dos processos de hibridação em funcionamento nas precárias transformações corporais transgênero.

Referências

- BRAUN, B. Biopolitics and the molecularization of life. *Cultural Geographies* 2007; 14; 6.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importam*. Barcelona, Paidós, 2002
- _____. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2003.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1, São Paulo, Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- _____. *La vida de los hombre infames. Ensayos sobre desviación y dominación*. Buenos Aires/Montevideo: Editorial Altamira/Editorial Nordan-Comunidad, 1996.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- GALINDO, D. Para além dos fios e cabos: sobre a performance metasubcibertrans. In: Karla Brunet. (Org.). *Apropriações Tecnológicas: Emergência de textos, idéias e imagens do Submidialogia#3*. Bahia: UFBA, 2008, v. 1, pp. 71-75.
- HARAWAY, D. *Ciencia, cyborgues y mujeres: La reinención de la naturaleza*. Madrid: Cátedra, 1996
- HAUSMAN, B. *Changing Sex: Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender*. Durham, Duke University Press, 1995
- _____. Ovaries to Estrogen: Sex Hormones and Chemical Femininity in the 20th Century. *Journal of Medical Humanities*, Vol. 20, No. 3, 1999
- KRAMARAE, C. e SPENDER, D. *Routledge International Encyclopedia of Women Global Women's Issues and Knowledge*. USA, Routledge, 2000.
- LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.
- ORLANDI, L. Corporeidades em minidesfile. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 6, nº 1 – jan.-jun., pp. 43-59, 2004.
- OUDSHOORN, N. On the making of sex hormones: research materials and the production of knowledge. in: *Social Studies of Science* Vol. 20. SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, 1984.
- PRECIADO, B. *Testoyonqui*. Madri, Esparsa, 2008.
- ROSE, N. Neurochemical selves. *Society*, Volume 41, Number 1/November, pp. 46-59, 2003.